
Gladiadores do Terceiro Milênio na Imprensa: Historiografia do Jornalismo Especializado em MMA¹

Allysson MARTINS²
Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, RO

RESUMO

O MMA é um esporte de luta com poucas regras em que os atletas utilizam técnicas e recursos de diversas modalidades marciais. Ao situar o lugar do MMA no jornalismo esportivo, o artigo traça um paralelo historiográfico entre o desenvolvimento deste esporte e da sua produção jornalística, ao apontar marcos históricos para o esporte – como sua profissionalização e popularização no país – e para o jornalismo especializado nesta modalidade esportiva – com revistas e programas televisivos, além de revista digital, agência de notícias, sites jornalísticos, canais de Youtube e de TV. Embora a modalidade apareça na mídia brasileira desde os primórdios do Vale Tudo, as produções especializadas se intensificaram mais recentemente, no mesmo período em que o esporte se popularizou, isto é, dez anos após as Regras Unificadas do MMA em 2000.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo especializado; Jornalismo esportivo; Vale Tudo; MMA; Historiografia.

INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo compreende a produção jornalística dedicada ao noticiário esportivo, em cadernos e editorias, em espaços generalistas ou em veículos especializados. Essa especialização existe desde o final do século 18, com produções próprias do segmento no século seguinte com mais força na Europa, enquanto no Brasil se destaca no início do século 20. Embora não se restrinja a tratar de futebol, a partir da metade deste século, o jornalismo esportivo brasileiro aborda mais detidamente esta modalidade, com expressão, especialmente quando existem atletas vencedores, para automobilismo – Fórmula 1 –, basquete, tênis, surfe e vôlei, além de boxe, ginástica artística, judô e natação – sobretudo nos períodos dos Jogos Olímpicos de Verão.

O primeiro registro histórico de uma prática esportiva remonta há alguns mil anos antes de Cristo, através de desenhos em paredes no Egito que pareciam descrever o que conhecemos hoje como a luta greco-romana (SILVEIRA, 2009). Foi apenas mais adiante, com o pai da história, Homero, que começou a se esboçar um pioneirismo do jornalismo esportivo, de acordo com Leandro (2005), pois o historiador narra, na *Ilíada*,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Professor de Jornalismo e coordenador do COMtatos – Grupo de Pesquisa em Espaços e Temporalidades Comunicacionais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: allyssonviana@unir.br.

uma corrida vencida por Ulisses. Apesar de estar distante conceitualmente da produção e prática jornalística, esta pequena parte da obra grega se aproxima, em um sentido amplo, das crônicas esportivas do século 20.

Os Jogos Olímpicos, criados nos últimos anos do século 19, fundamentais para enfatizar a importância do esporte na sociedade, e a profissionalização do futebol, a partir dos anos de 1930, contribuíram para o aprimoramento da imprensa esportiva, embora escritores renomados como Graciliano Ramos e Lima Barreto desacreditassem do esporte que chamavam de “ludopédio”, ridicularizando até os jogadores e dizendo que ele jamais conquistaria os brasileiros (COELHO, 2003; LEANDRO, 2005, 2011). Antes dessa época, alguns avisos circulavam nas cidades para informar sobre atletas, equipamentos e jogadas, algo que seria apropriado, posteriormente, pela imprensa. Até o início do século 20, o pouco noticiário esportivo existente se misturava aos demais assuntos do jornal, assemelhando-se mais aos textos que hoje se destinam às colunas sociais, pois destacavam os jovens burgueses que praticavam o esporte. A preocupação com questões sociais fazia até o resultado da partida não ser informado.

Os cadernos esportivos nos jornais diários se tornaram corriqueiros na década de 1960, quando a seleção brasileira de futebol já era bicampeã mundial e com o principal jogador do mundo e da história do esporte, Pelé, com as revistas especializadas surgindo na década seguinte (COELHO, 2003; FERREIRA, 2011). Como o jornalismo esportivo sempre esteve ligado ao futebol – ainda que não se restrinja a ele –, a profissionalização do esporte contribuiu para o aprimoramento das publicações jornalísticas especializadas nessa área a partir dos anos de 1960, quando o futebol era o esporte principal do país. “É difícil precisar se os esportes cresceram por conta da imprensa ou se o desenvolvimento de uma imprensa esportiva foi fruto de uma busca e um interesse do público por este tipo de informação” (ALVAREZ, 2013, p. 68).

Dos esportes de luta, o MMA (artes marciais mistas, *mixed martial arts* em inglês), uma luta com poucas regras em que os atletas utilizam técnicas e recursos de diversas modalidades marciais, é o que começa a ser coberto pelo jornalismo especializado nacional mais recentemente, pois foi apenas em 2000 que se profissionalizou com as Regras Unificadas do MMA. Ao situar o lugar do MMA entre as modalidades do jornalismo esportivo, este artigo traça um paralelo historiográfico entre o desenvolvimento deste esporte e da sua produção jornalística, ao apontar marcos históricos para o MMA – como sua profissionalização e popularização no país – e para o jornalismo especializado nesta modalidade esportiva – com revistas e programas

televisivos, mas, principalmente, revista digital, agência de notícias, sites jornalísticos, canais de Youtube e de TV.

VALE TUDO: O INÍCIO

O MMA é um esporte de luta com poucas regras em que os atletas utilizam técnicas e recursos de diversas modalidades marciais, como boxe, muay thai, wrestling, judô, jiu jitsu, karatê, sambô, entre outros. Esta definição, porém, não surgiu juntamente à prática, uma vez que sua origem remonta a primeira metade do século 20 ou, como alguns preferem, a Grécia Antiga – com o pancrácio (FERREIRA, 2011; ALVAREZ; MARQUES, 2011; ALVAREZ, 2013). A história do desenvolvimento do Vale Tudo até o MMA é registrada por quem pesquisa o esporte por causa do seu caráter inicial (ALVAREZ; MARQUES, 2011; FERREIRA, 2011; MIRANDA, 2012; ALVAREZ, 2013; SANTOS; MIRANDA FILHO, 2015).

O Vale Tudo foi criado entre a década de 1920 e de 1930 pela família Gracie, a fim de popularizar o brazilian jiu-jitsu (jiu-jitsu brasileiro, ou bjj) e provar que esta era a arte marcial mais efetiva. Com essa perspectiva, sugeriram os Desafios Gracie, quando os membros da família convocavam, em academias e jornais, lutadores do país para lutas sem regras; sobretudo, contra boxeadores, capoeiristas e judocas. A ideia foi inspirada na trajetória de Mitsuyo Maeda, o Conde Koma, que viajou o mundo para provar que o judô era a melhor modalidade de luta, porém, ao chegar ao Brasil na década de 1910, ensinou o jiu-jitsu tradicional ao filho de Gastão Gracie, em Belém. Carlos Gracie vai ao Rio de Janeiro como mestre nesta arte e inicia o ensino do jiu-jitsu brasileiro, trabalho após seu irmão mais novo, Hélio Gracie, adaptar a luta à sua condição física – magro e com saúde debilitada – através das alavancas.

A última década do século passado viu o jiu-jitsu brasileiro chegar aos EUA e ao mundo, quando Rorion Gracie, filho de Hélio, criou em 1993 o Ultimate Fight – hoje, Ultimate Fight Championship (UFC) – em parceria com Art Davie, publicitário estadunidense, e John Milius, diretor e roteirista de Hollywood – onde Rorion tinha alunos como Mel Gibson e Chuck Norris. Eles queriam provar ao mundo a superioridade do jiu-jitsu brasileiro a partir de lutas com poucas regras – era um “esporte de sangue” (*bloodsport*, em inglês) em que “não existem regras!” (*there are no rules!*, em inglês) – entre os principais lutadores das maiores artes marciais. A história do UFC se confunde com a do esporte, com seu início na TV – ainda em canal a cabo –,

quando as lutas não tinham tempo para acabar, não existiam juízes, equipamentos ou trajes obrigatórios, separação por peso ou por graduação em uma arte marcial.

O evento inova pelo, hoje simbólico, octógono, ao evitar a fuga dos lutadores pelas cordas do ringue, obrigando-os a uma maior movimentação. O jiu-jitsu brasileiro, para seus adeptos, deveria vencer qualquer adversidade e desigualdade, tanto que o escolhido para representar a luta e a família no UFC foi Royce Gracie, filho de Hélio menos famoso e muito magro. Royce venceu três dos quatro primeiros torneios, UFC 1, 2 e 4, do terceiro se retirou por exaustão, mas ainda invicto. Com sucesso instantâneo, pois o primeiro UFC obteve quase 90 mil compradores de pay per view, os políticos dos EUA se mobilizaram para marginalizar aquela “rinha humana”, proibindo a veiculação televisiva e até as competições em alguns estados, revertendo-se completamente só em 2016, quando Nova York aprovou o esporte, último estado estadunidense a fazê-lo.

O Japão também se mostrou rapidamente um país adepto aos esportes com poucas regras, onde o Vale Tudo pode ser datado no final dos anos de 1960 com os eventos promovidos por Antonio Ioki. Em 1985, foi criado o Shooto e, em 1997, quando as lutas do UFC foram proibidas, surgia o Pride Fighting Championships (Pride), tornando-se o mais relevante do mundo nas artes marciais mistas e o primeiro evento japonês a ser transmitido nos EUA, em 2000. Dez anos depois de sua criação, foi comprado pelo UFC, quando acusações de envolvimento com a máfia japonesa e os resultados fraudados diminuíram a credibilidade da organização. À época, o Brasil tinha o terceiro maior evento, o International Vale Tudo Championship (IVC), de 1997 até 2003, com lutadores como Wanderlei Silva, José ‘Pelé’ Landi-Jons, Chuck Lidell, Renato ‘Babalu’ Sobral, Artur Mariano, Carlão Barreto e Wallid Ismail.

Os primeiros “heróis” do esporte surgiram na terra dos samurais, quando se sobressaía o espetáculo no lugar das artes marciais, pois “um evento do esporte não se limita às lutas, sendo transformado, de fato, em um espetáculo” (MIRANDA, 2012, p. 51). Entre esses “mitos”, estão: Rickson Gracie, o maior lutador da história da família inaugurou o evento; os pesos pesados: Fedor Emelianenko, ‘O Último Imperador’, Rodrigo ‘Minotauro’ Nogueira, Mirko ‘CroCop’ Filipović e Bob Sapp; os pesos-médios: Wanderlei Silva, ‘Cachorro Louco’ ou ‘Assassino do Machado’, Quinton ‘Rampage’ Jackson, Dan Henderson, Ricardo Arona, Rogério ‘Minotouro’ Nogueira, Paulão Filho e os irmãos Rua, Maurício ‘Shogun’ e Murilo ‘Ninja’. Além do peso-leve: Takanori Gomi, ‘Fireball Kid’. Outro peso-médio renomado foi Kazushi Sakuraba, ‘O Caçador de Gracies’, primeiro a vencer Royce Gracie, que resolveu se testar no evento japonês

após ganhar três torneios do UFC. Outros lutadores fizeram o mesmo que Royce, como: Murilo Bustamante, à época campeão do peso-médio, Chuck Liddell, ‘O Homem de Gelo’, Vitor Belfort, ‘O Fenômeno’ e os ex-campeões pesos-pesados do UFC, Mark Coleman e Josh Barnett. Mark Hunt, Alistair Overeem e Fabricio Werdum lutaram no Pride, mas só se tornaram relevantes no UFC.

A transformação de atletas em seres quase mitológicos, algo existente desde o período dos gladiadores romanos e intensificado no futebol com a produção midiática das crônicas e do noticiário esportivo – sobre a vida dos atletas dentro e fora de campo – (BORELLI, 2002; COELHO, 2003; LOVISOLO, 2011), acontece também com os lutadores de MMA, sobretudo aqueles contratados pelo UFC, batizados por Galvão Bueno como “gladiadores do terceiro milênio”, com apelidos que reforçam essa perspectiva, como Minotauro, Shogun, Dragão, O Último Imperador, entre outros. Essas estratégias, porém, não se restringem ao jornalismo, pois se valem dos aparatos de entretenimento da mídia, especialmente no caso do Grupo Globo para o MMA, em que os lutadores frequentam dos programas esportivos e jornalísticos aos de entretenimento, para entrevista sobre sua vida ou mesmo para realizar jogos, dicas culinárias e até outras competições, como de dança, no caso dos programas da Ana Maria Braga e do Fausto Silva (FERREIRA, 2011; ALVAREZ, 2013; SANTOS; MIRANDA FILHO, 2015). Tornou-se corriqueiro também a participação de lutadores em programas brasileiros de *talk shows* e até em novelas, que incorporaram esta temática.

MÍDIA E PROFISSIONALIZAÇÃO DO MMA

A visibilidade midiática não começou, entretanto, apenas a partir dos anos de 1990. Os Desafios Gracie e o Vale Tudo já frequentavam o noticiário brasileiro, quando a imagem dos lutadores se desgastou por causa das invasões às academias e das brigas em festas e praias. Essa visão negativa permanece até hoje. O Canal Combate e o SporTV lançaram, em 2009, a campanha “Não brigue, lute”, com cantores, atores e outros artistas com imagem positiva, a fim de dizer que as artes marciais não têm a ver com pessoas violentas. A partir dos anos de 1950, o jiu-jitsu brasileiro ganhou destaque no país por causa de personalidades como: Getúlio Vargas e João Baptista Figueiredo, ex-presidentes, Mario Andreazza Adhemar de Barros e Carlos Lacerda, políticos, sendo este também jornalista, que foi acompanhado pelos colegas da imprensa Roberto Marinho, Mário Rodrigues Filho e Flávio Cavalcanti, além do arquiteto Oscar Niemeyer

e do cantor Nelson Gonçalves. Com entusiastas relacionados à imprensa, o Vale Tudo era noticiado em jornais do Rio de Janeiro, como O Globo, Jornal dos Sports, Diário da Noite, Rio Esportivo e a revista Ring. O primeiro registro midiático é da luta protagonizada por Hélio Gracie em 1932, denominado de “evento de lutas mistas”.

Foi na década de 1950 que o ápice chega aos Desafios Gracie, como em 1951, quando Hélio enfrentou os famosos judocas Jukio Kato – com uma vitória e um empate – e Masahiko Kimura – com uma derrota –, no estádios do Maracanã e do Pacaembu, repercutindo até na revista Cruzeiro (ALVAREZ; MARQUES; 2011; ALVAREZ, 2013). Outra famosa luta aconteceria em 1955 com quase quatro horas de duração, quando Hélio, com mais de 42 anos de idade e quatro de aposentadoria, perdeu para Waldemar Santana, com 18 anos a menos e 30 quilos a mais. A luta rendeu uma crônica de Nelson Rodrigues (FERREIRA, 2011) e o surgimento de outra figura importante para o Vale Tudo: Carlson Gracie, filho de Carlos. Carlson vingou a família meses depois, mas entrou na história dos combates com poucas regras por essa vitória e pela formação de grandes lutadores nas décadas de 1970 até 1990. Em 1958, Flávio Cavalcanti exibiu uma luta de Carlson pela TV Rio, no programa Noite de Gala, e, de 1959 até 1962, o programa televisivo Heróis do Ringue era veiculado às noites de segunda no Clube de Regatas Flamengo, com Carlson Gracie como estrela.

Carlson e seu primo Rickson Gracie travaram uma rivalidade histórica com a luta livre, desenvolvendo ainda mais o Vale Tudo, mesmo na clandestinidade, com brigas fora de locais apropriados. As proibições levaram o esporte ao Norte e Nordeste, com a TV Pernambucana exibindo o programa Ringue Torre, na década de 1960. Dos anos de 1980 no Maranhão, surgiu Rei Zulu, que possuía uma rivalidade com Rickson, com uma das lutas entre eles publicada na revista Manchete como “A Noite das Artes Marciais”. Em 1991, o Grande Desafio foi transmitido pela TV Globo, terminando com uma briga generalizada. A exibição para todo o Brasil daquela violência descontrolada custou aos treinadores, praticantes, promotores e amantes do esporte, parecendo mais um acerto de contas entre rivais de gangues do que um evento esportivo.

O esporte precisava sair da marginalidade e se profissionalizar, por isso, foram propostas diversas mudanças a fim de regulamentá-lo, principalmente, junto às comissões atléticas estadunidenses, investindo em propaganda para humanizar os lutadores e o esporte, abolindo o termo Vale Tudo e inserindo a ideia de artes marciais mistas. Essa profissionalização aconteceu com as Regras Unificadas do MMA em 2000, quando são definidos, entre outros aspectos: divisão de peso, nomenclatura, rounds,

trajes e equipamentos, arbitragem, julgamento, golpes, advertências, faltas e resultados. Essas regras são atualizadas em 2009, 2012 e 2016. É a transformação gradativa do Vale Tudo em MMA, um verdadeiro esporte.

Sob a presidência de Dana White, que está no cargo desde 2001, o UFC realiza ações para se tornar a maior organização de artes marciais mistas do mundo, como a extinção da concorrência – como Pride, de 1997, comprado e finalizado em 2007, e Strikeforce, com foco no MMA desde 2006, adquirido em 2011 e fechado em 2013 – e a criação em 2005 do reality show The Ultimate Fighter (TUF), em que lutadores conviveram trancados em uma casa com lutas eliminatórias entre os participantes, com o vencedor conquistando um contrato com o UFC após derrotar os seus oponentes. Depois de 13 anos e quase 30 edições, o TUF, antes um formato que salvou o UFC da falência, chega ao fim em 2018 substituído pelo Dana White’s Tuesday Night Contender Series, de 2017, em que o presidente do UFC seleciona lutadores em eventos semanais, semelhante ao que fazia com o Looking for a Fight, de 2015, quando viajava pelos EUA à procura de lutadores para sua organização.

Além do UFC, estão entre os maiores eventos de MMA do mundo: os estadunidenses Bellator, Invicta FC (destinado ao MMA feminino), LFA, Titan FC, XFC, WSOF; as asiáticas: Brave CF (Bahrein), One FC (Singapura) e Rizin (Japão); os europeus: ACB (Rússia), Cage Warriors (Inglaterra), Cage Rage (Inglaterra) e KSW (Polônia); e os brasileiros Jungle Fight e Shooto Brasil. Hoje, o MMA possui a alcunha, principalmente do UFC, de que é o esporte que mais cresce nos EUA e no mundo, endossado por empresários dos maiores eventos, por jornalistas especializados neste esporte e por pesquisadores (FERREIRA, 2011; MIRANDA, 2012; SANTOS; MIRANDA FILHO, 2015). Segundo Alvarez e Marques (2011), essa relevância midiática é explicada menos pelos combates do que pelo trabalho de marketing e de imagem pelo qual passaram o MMA e o UFC.

A popularização do MMA no Brasil pode ser datada em 2010, juntamente ao período com maior proliferação dos veículos especializados. Embora os direitos de transmissão do UFC até hoje sejam do Grupo Globo, a Rede TV foi a primeira emissora de televisão aberta do país a veicular um evento da organização – com lutas antigas –, o UFC sem Limites, de 2009 até 2011. O MMA ganhou tanta relevância que é o único esporte a possuir um canal específico, além do futebol. O Premiere Combate surgiu em 2002 e mudou para o nome atual, Canal Combate, em 2009, dedicando sua

programação ao MMA, embora outros esportes de luta apareçam com frequência, como boxe e jiu-jitsu brasileiro.

O Grupo Globo, equiparável ao que fez com os campeonatos brasileiros de futebol em relação à proibição dos vídeos pela concorrência, agora já dentro da lógica midiática digital, denunciou diversos canais de Youtube – em especial, Diretasso, Porrada e Nocaute – que realizavam análise das lutas e dos eventos do UFC, mesmo que eles não chegassem a usar sequer um minuto do vídeo da transmissão oficial. O canal possui desde 2015 o Combate Play, aplicativo e plataforma digital, porém, apenas em maio de 2018 o liberaram para quem não possui um pacote de TV a cabo, assinado direto para a internet, como *streaming*.

Outro fator preponderante para essa disseminação foi a nomeada “luta do século” em 2011, entre Anderson Silva – na época o maior lutador do UFC – e Vitor Belfort – o mais conhecido lutador do país, por causa da sua participação no reality show Casa dos Artistas do SBT, em 2002. No mesmo ano, com o UFC Rio – ou UFC 134 –, pela primeira vez um evento do UFC foi transmitido ao vivo em canais abertos, com o card preliminar exibido pelo site Globo.com e o card principal pela RedeTV e pelo SporTV, e na íntegra pelo Canal Combate. Se nos EUA o MMA só ganhou visibilidade com o TUF, no Brasil não foi diferente.

Após a participação de Anderson Silva nos dois acontecimentos supracitados para a popularização do MMA no Brasil, o TUF na TV Globo, em 2012, consagrou de vez o esporte entre os mais populares, tendo novamente Vitor Belfort como chamariz, sendo um dos técnicos, ao lado de um dos seus rivais e lutadores brasileiros mais renomados da história do MMA, Wanderlei Silva. Ainda assim, Ferreira (2011) acreditava à época que o esporte estava em posições secundárias nos noticiários esportivos, sobretudo em comparação com o futebol. Essa mesma perspectiva é corroborada por Paulo Rodrigues Curi, produtor de eventos de MMA em Belo Horizonte, para quem um dos principais problemas para divulgação é a falta de interesse da mídia especializada em esporte (MIRANDA, 2012).

MÍDIA PÓS-PROFISSIONALIZAÇÃO

Em comparação com o futebol, que praticamente guiou o aprimoramento das produções jornalísticas esportivas com sua profissionalização, nos anos de 1960, o MMA seguiu um caminho um semelhante, uma vez que primeiro surgiram os meios de

comunicação especializados, na época do Vale Tudo, acompanhando esta modalidade da luta até ela se tornar, de fato, um esporte, com as regras unificadas em 2000. Esta profissionalização do MMA resvalou no jornalismo e permitiu que, em uma década, o segmento se desenvolvesse, não só com o aumento de editorias, sites jornalísticos, mas até com agência de notícias, revista digital e, mais recentemente, canais de Youtube.

O Vale Tudo, todavia, já era noticiado por causa dos Desafios Gracie, desde o início do século 20, com a prática acontecendo até o início dos anos de 1990, antes mesmo das produções especializadas, algo que se perdeu um pouco após os casos de violência em torno do esporte, devido às brigas entre lutadores, e não às lutas – estas, sim, esportivas. O esporte e a mídia sempre se relacionam e se interferem mutuamente (SANFELICE, 2010), desde o comportamento dos atletas e os produtos colecionáveis e utilizáveis até a transmissão e as próprias regras da modalidade. Os primeiros veículos especializados, as revistas Tatame, de 1994 (site em 2009), e Gracie Mag, de 1996 (site em site 2007), existem até hoje, mas sempre estiveram mais voltadas ao jiu-jitsu brasileiro. Na década seguinte, surge a revista digital PVTmag (2009-2015), já focada em MMA e vinculada ao Portal do Vale Tudo, de 2001. Na televisão, o Canal Combate possui direito de imagem e de transmissão do UFC no país desde 2002. Dez anos depois, em 2012, surge a primeira agência de notícias brasileira especializada em MMA, a Ag. Fight.

Quadro 1 – Mídia tradicional especializada em MMA

Revista – Tatame	1994
Revista – Gracie Mag	1996
TV – Premiere (Canal) Combate	2002
Programa na Rede TV (UFC sem Limites)	2009-2011
Revista digital – PVTmag	2009-2015
Agência de Notícias – Ag. Fight	2012

Fonte: Elaboração do autor

Uma década após a profissionalização do MMA, além da revista digital e da agência de notícias, a proliferação de veículos especializados se intensificou na internet, especialmente com sites jornalísticos e canais de YouTube. Os principais sites jornalísticos brasileiros especializados em MMA são: Combate.com – *hotsite* específico dentro do Globo Esporte desde 2011 –, Portal do Vale Tudo (PVT), de 2001, – hospedado no UOL –, Super Lutas, de 2007, – vinculado ao portal iG –, MMA Brasil,

desde 2008, em formato de blog, e Sexto Round, desde 2012. Em grandes portais e sites jornalísticos, como Terra, UOL e Yahoo!, existe uma editoria generalista como Esportes, com o iG e o Esporte Interativo apresentando a ampla seção Lutas, ainda que trabalhem majoritariamente com MMA. Os sites menores são muitos, como Nocaute na Rede, MMA Premium, MaisMMA, MMA Inside, Tudo sobre MMA, entre outros.

Quadro 2 – Sites jornalísticos especializados em MMA

Portal do Vale Tudo (PVT) – UOL	2001
Super Lutas – iG	2007
MMA Brasil	2008
Combate.com – Globo Esporte	2011
Sexto Round	2012

Fonte: Elaboração do autor

Os principais canais de YouTube autóctones – isto é, criados especificamente para esta rede social, sem outro espaço que o sustente – são: Canal Encarada, de 2016, com 24.797 inscritos; Confraria da Porrada, de 2018, com 10.985 inscritos; Diretasso, de 2016, com 206.574 inscritos; Nocaute, de 2016, com primeiro vídeo disponível de 2017 e 102.316 inscritos; Porrada, de 2013, com primeiro vídeo disponível de 2014 e 51.908 inscritos; e Vitor Miranda, de 2015, do ex-lutador do UFC e com 324.496 inscritos; além dos canais que fazem parte dos sites supracitados, com destaque para a conta do PVT, de 2009, com 67.108 inscritos; do Canal Combate, de 2010, com 276.473 inscritos; do Sexto Round, de 2012, com 113.725 inscritos, que adquire uma característica mais personalista por causa do seu criador, Renato Rebelo, único atualizador deste espaço. Os dados foram conferidos em 28 de junho de 2019.

Quadro 3 – Canais de YouTube especializados em MMA

Porrada	2013
Diretasso	2016
Nocaute	2016
Vitor Miranda (lutador)	2015
PVT (do site)	2009
Canal Combate (da TV)	2010
Sexto Round (do site)	2012

Fonte: Elaboração do autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de jornalismo esportivo em geral, e no futebol em específico, desenvolve uma aproximação dos jornalistas com jogadores, técnicos e até empresários, chegando até a relações permissivas com cartolas – os dirigentes de um clube (COELHO, 2003; LEANDRO, 2005, 2011). Se, por um lado, essa relação garante algumas informações exclusivas, sobretudo com atletas respeitando mais os jornalistas, por outro, pode atrapalhar as análises dos profissionais, acusados de favorecimento e de “clubismo”. Ainda assim, os cartolas, com interesses que podem até chegar a eleições políticas, são fontes fundamentais para abordar sobre aspectos administrativos – como contratação e demissão de jogadores e da comissão técnica –, de bastidores – da tabela dos campeonatos até os árbitros – e de marketing – como parcerias, orçamentos e canais de comunicação (LEANDRO, 2005, 2011). Por isso, o jornalista deve viver sempre em negociação com esses agentes, jamais deixando que possíveis relações de proximidade interfiram em seu trabalho, como conteúdos críticos ou denúncias.

Um paralelo pode ser traçado entre o jornalismo esportivo produzido ao longo dos anos, notadamente pela perspectiva do futebol, e o que ocorre atualmente na cobertura do MMA. Os jornalistas que cobriam inicialmente este esporte, sobretudo quando ele ainda não era considerado desta maneira, ou seja, quando tinha a nomenclatura de Vale Tudo, possuem uma relação de proximidade e até de amizade com os atletas, seus treinadores e seus empresários. No futebol, isso aconteceu, principalmente, com a relação de proximidade dos jornalistas com os jogadores, os técnicos e os cartolas, como até hoje pode ser observado. Esses laços quando extrapolam o profissional e se tornam quase de amizade podem atrapalhar o jornalista em sua missão de tratar a informação com certa isenção, com os profissionais, frequentemente, acusados de favorecimento, por conta de um clube, no futebol, ou de um atleta e sua equipe, no MMA.

A mistura na redação de ex-atletas com jornalistas é algo que também acontece no MMA, aumentando as críticas em relação ao julgamento dos profissionais que trabalham na mídia com este esporte, por causa de análises mal feitas, de desconhecimentos das regras e de valorização exacerbada dos lutadores e das academias do Brasil, o “pachequismo”. Segundo Miranda (2012), a inserção desses lutadores existe por causa dos espectadores qualificados, uma vez que normalmente praticam alguma modalidade de luta, fazendo com o que esses profissionais tenham até mais

credibilidade e conhecimento do que um jornalista, no tocante aos treinamentos, às negociações, aos eventos e às demais preparações. Essa mescla nas empresas especializadas em MMA é histórica, de acordo com Ferreira (2011), porque esta modalidade jornalística era pouco expressiva quando surgiram as primeiras revistas, nos anos de 1990, que abordavam o esporte – ainda que fossem majoritariamente destinadas ao jiu-jitsu brasileiro –, como Tatame e Gracie Mag, (NASCIMENTO et al., 2011) além do primeiro programa televisivo, o Passando a Guarda, no canal SporTV, apresentado por Jorge ‘Joinha’ Guimarães (RAUPP, 2012).

Essa aproximação acontece com ex-atletas do Vale Tudo e MMA, como Artur Mariano, Carlão Barreto e Rodrigo ‘Minotauro’ Nogueira, com ex-atletas de outras modalidades, como o judoca Flávio Kanto e a jiu-jiteira Kyra Gracie, e até com empresários de lutadores, como Jorge ‘Joinha’ Guimarães. Entre os lutadores brasileiros ainda em atividade que experimentam a atividade de comentarista, estão: Demian Maia, Jéssica Andrade, José Aldo, Júnior ‘Cigano’ dos Santos e Paulo ‘Borrachinha’ Costa. O peso-pesado Fabrício Werdum é o comentarista principal em língua espanhola do UFC. Os comunicadores especializados em MMA também possuem proximidade com lutadores através da prática do esporte. O narrador principal do Canal Combate, Rhoades Lima, recebeu, em 2017, a faixa-marrom de jiu-jitsu brasileiro, enquanto o comentarista titular da emissora, Luciano Andrade, é um reconhecido faixa-preta na modalidade. Os criadores dos sites MMA Brasil e Sexto Round, Alexandre Matos e Renato Rebelo, já praticaram esportes de luta, bem como os mantenedores dos canais Diretasso e Nocaute, Vinicius ‘Vini’ Tavares e José Augusto.

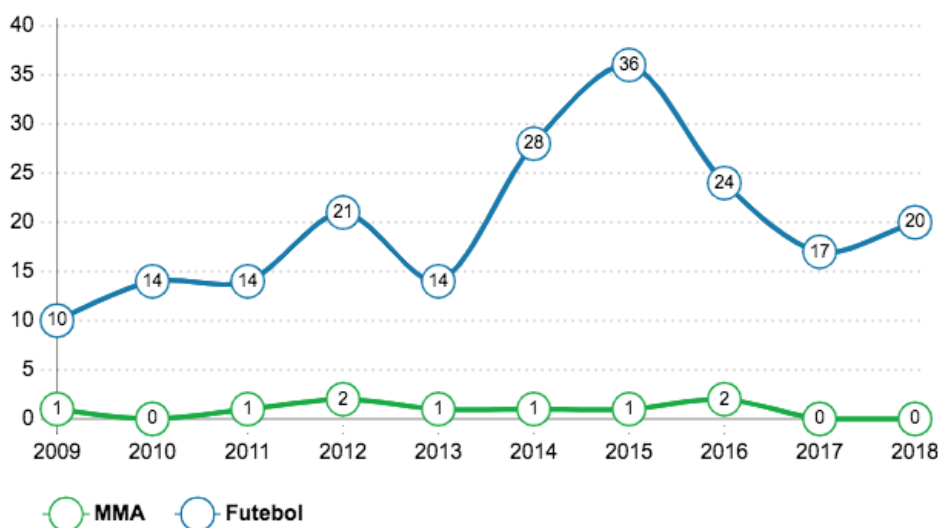
A profissionalização do esporte, em 2000, possibilitou não apenas um crescimento, na década seguinte, da cobertura jornalística através das subeditorias próprias e, principalmente, da proliferação de veículos especializados em MMA, sobretudo na internet, com agência de notícias, revista digital, sites jornalísticos, canais no YouTube e contas em mídias sociais. É nesse período também, em 2010, que o esporte se torna mais popular no Brasil por causa da “Luta do século”, em 2011, entre Anderson Silva e Vitor Belfort; o UFC Rio, ou UFC 134, em 2011, transmitido pela RedeTV e SportTV e com Anderson na luta principal; TUF Brasil, em 2012, primeiro reality show de lutas do país, liderado por Belfort e Wanderlei Silva.

Ainda assim, as pesquisas brasileiras sobre jornalismo esportivo enfatizam o futebol, com uma abordagem praticamente inexistente acerca do jornalismo especializado em MMA. Na área da Comunicação, os aspectos mais comuns estudados

são marketing e estratégia de mercado, através do desenvolvimento da marca da empresa UFC e dos seus atletas, destinando ao esporte MMA questões secundárias, com escassos trabalhos que abordam o jornalismo (MARTINS, 2018).

O Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Esporte do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), o maior evento científico da área no país, existe desde 2009. Em dez edições do GP, de 2009 até 2018, 198 artigos trataram diretamente sobre futebol, como observado após avaliações de título, resumo e palavra-chave. A maior incidência das publicações ocorreu entre 2014 e 2015, com diversos textos abordando a Copa do Mundo, o jogador Neymar Jr., além da administração ou do marketing de clubes de futebol brasileiros e estrangeiros. No mesmo período, e através da mesma análise, foram publicados somente 9 trabalhos especificamente sobre MMA, com 4 sobre aspectos jornalísticos, nos anos de 2009, 2011, 2013 e 2015. Estas pesquisas, ainda assim, não investigaram a produção jornalística sobre MMA em veículos especializados no segmento – apenas como o esporte é representando na produção esportiva em geral.

Gráfico 1 – Artigos sobre futebol e MMA no GP Comunicação e Esporte



Fonte: Elaboração do autor

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Fábio. **A domesticação da violência**: os processos comunicacionais da rede globo de televisão na abordagem do MMA (artes marciais mistas). Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2013.

ALVAREZ, Fábio; MARQUES, José. Breves questionamentos sobre o fenômeno midiático do MMA – Mixed Martial Arts (Artes Marciais Mistas). In: Anais do **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife, 2011.

BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: Anais do **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Salvador, 2002.

CAPRARO, André. Mario Filho e a “invenção” do jornalismo esportivo profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 213-224, abr./jun. 2011.

COELHO, Paulo. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COMBATE anuncia novo serviço para atender fãs de lutas direto pela internet. **Combate.com**, publicado em 09 mai. 2018. Disponível em:
<<https://sportv.globo.com/site/combate/noticia/combate-anuncia-novo-servico-para-atender-fa-de-lutas-direto-pela-internet.ghtml>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

FERREIRA, Fernanda. **MMA no Brasil**: cobertura, espetáculo e formação de mitos no antigo 'Vale-Tudo'. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 20011.

LEANDRO, Paulo. Jornalismo esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação as fontes interessadas em desenvolver carreira política. **Diálogos possíveis**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 65-73, 2005.

LEANDRO, Paulo. **Ba-Vi: da assistência à torcida**. A metamorfose nas páginas esportivas. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

LOVISOLO, Hugo. Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 7, n. 2, novembro, p. 91-99, 2011.

MARTINS, Allysson. Olho nas luvas! Jornalismo esportivo e o lugar do MMA entre suas modalidades. In: **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo** (SBPJor), São Paulo: FIAM-FAAM e Anhembi Morumbi, 2018.

MIRANDA, Fernanda. O MMA no Brasil: um panorama da modalidade. **Esporte e Sociedade**, ano 7, nº 19, p. 50-70, mar. 2012.

NASCIMENTO et al. Virilidade e competição: masculinidades em perfis de lutadores das Revistas Tatame e Gracie. **Memorandum**, Belo Horizonte e Ribeirão Preto-SP, v. 21, 195-207, out. 2011.

RAUPP, Ivan. O ‘sobrevivente’ Joinha: de andarilho da vida a agente de estrelas do MMA. **Combate**, publicado em 04 dez. 2012. Disponível em:
<<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2012/12/o-sobrevivente-joinha-de-andarilho-da-vida-agente-de-estrelas-do-mma.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

SANFELICE, Gustavo. Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 137-153, jan. 2010.

SANTOS, Igor; MIRANDA FILHO, Vamberto. Considerações sobre mídia e “heróis esportivos” do Mixed Martial Arts. **Motrivivência**, v. 27, nº 44, p. 207-218, mai. 2015.

SILVEIRA, Nathália. **Jornalismo esportivo**: conceitos e práticas. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.